

A floresta cura: oralidade, ancestralidade e resistência na Amazônia¹

Christian Maciel Reis²
Marina Ramos Neves de Castro³
Universidade Federal do Pará

Resumo

O artigo parte do mini-documentário “A floresta cura – Dona Áurea” (2023), produzido no Assentamento João Batista II (PA), para refletir sobre os saberes tradicionais de cura mediados pela oralidade e espiritualidade na Amazônia. A pesquisa adota abordagem qualitativa e ensaística, articulando registros audiovisuais e análises teóricas de autores como Paes Loureiro, Amorim, Contreras Baspineiro e Sá. A partir do testemunho da erveira Dona Áurea, o estudo revela como os conhecimentos empíricos e transmitidos oralmente resistem às imposições coloniais e se afirmam como ciência e cultura viva. A contribuição principal reside em valorizar a oralidade como forma legítima de comunicação e de produção de saberes amazônicos, em diálogo com o Bem Viver e a memória coletiva.

Palavras-chave: oralidade; saberes tradicionais; Amazônia; comunicação intercultural; Bem Viver.

Introdução

Na vastidão simbólica e territorial da Amazônia, sobrevivem e se reinventam modos de vida ancestrais que resistem à colonialidade dos saberes e à homogeneização imposta pela racionalidade ocidental. Entre os caminhos da floresta, florescem vozes que narram, curam e ensinam. Este artigo parte da experiência da curandeira Dona Áurea, registrada no mini-documentário *A floresta cura* (2023), produzido no Assentamento João Batista II, do MST, localizado em Castanhal, no Pará, para refletir sobre os modos de produção e transmissão dos saberes tradicionais, sobretudo aqueles voltados à cura e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM-UFPA). Bolsista Capes. E-mail: christian88reis@gmail.com

³ Professora da Faculdade de Comunicação da UFPA. Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Coordenadora do grupo de pesquisa SISA. E-mail: marinacastro@ufpa.br

à espiritualidade, que se constituem pela oralidade, pela escuta e pela convivência com a natureza.

A fala de Dona Áurea, guardiã dos usos terapêuticos das plantas e dos rituais de benzeção, é aqui compreendida como uma forma de resistência cultural e comunicacional, à luz de autores como João de Jesus Paes Loureiro (2021), que propõe o conceito de “manguezal cultural da Amazônia” para expressar a interconexão entre natureza, memória e cultura; e Célia Regina Amorim (2022), ao conceituar as “pronúncias existenciais” como vozes insurgentes que se contrapõem à lógica da dominação epistêmica. Na esteira dessas leituras, Adalid Contreras Baspineiro (2014) contribui com a proposta de uma comunicação para o Bem Viver, baseada na escuta, no respeito à diversidade e na interculturalidade.

Através de uma abordagem qualitativa e ensaística, o artigo busca compreender como o saber de Dona Áurea não apenas cura, mas comunica e reativa memórias coletivas. A oralidade, nesse contexto, emerge como um meio legítimo de construção do conhecimento e de afirmação identitária, desafiando paradigmas eurocêntricos e reafirmando a floresta como espaço de aprendizado, cuidado e espiritualidade. Este trabalho propõe, assim, uma reflexão sobre os sentidos comunicacionais inscritos nas práticas de cura, reconhecendo sua dimensão política, cultural e epistemológica

Invisibilização e resistência: a desvalorização histórica dos saberes tradicionais na Amazônia

Apesar de sua eficácia comprovada na promoção da saúde e no cuidado com a vida, a partir das minhas vivências como amazônida, que foi criado e curado pelos saberes tradicionais, especialmente os detidos por mulheres como Dona Áurea, seguem sendo sistematicamente desvalorizados pelas estruturas hegemônicas de conhecimento. Essa desvalorização não é apenas epistemológica, mas também política, simbólica e territorial. Como observa Edna Castro (1998), a racionalidade técnico-científica ocidental historicamente relegou esses conhecimentos a uma posição marginal, tratando-os como “não-saber”, mesmo diante da complexidade empírica e simbólica que os sustenta. Em seu estudo sobre território e biodiversidade, Castro demonstra que as

práticas das populações tradicionais integram dimensões técnicas, espirituais e ecológicas, sendo fundamentais para a reprodução da vida e a preservação dos ecossistemas amazônicos.

Juliana Araújo (2022), ao pesquisar mulheres das comunidades da Floresta Nacional de Tefé, também evidencia como esses saberes, transmitidos oralmente e vinculados ao cotidiano, ainda enfrentam resistência institucional para serem reconhecidos como parte legítima da promoção da saúde coletiva. Mesmo estando na base de sistemas alternativos e sustentáveis de cuidado, essas práticas são muitas vezes invisibilizadas por políticas públicas que priorizam modelos biomédicos e eurocêntricos. Araújo chama atenção para o protagonismo das mulheres na manutenção e transmissão desses saberes, destacando que elas atuam como verdadeiras promotoras da saúde comunitária, mesmo sem o reconhecimento oficial de suas práticas como parte do sistema de saúde.

No caso de Dona Áurea, esse cenário se repete: seu conhecimento é buscado, respeitado localmente, mas permanece à margem dos circuitos formais da ciência e da saúde pública. Seu testemunho, como apresentado no vídeo *A floresta cura* (2023), ilustra o que Amorim (2022) denomina de “pronúncias existenciais”: vozes insurgentes que resistem à “pronúncia da dominação”. A oralidade aqui é mais que meio de transmissão – é ferramenta de afirmação, cura e resistência.

Reconhecer esses saberes como ciência e como patrimônio cultural imaterial, como defendem Castro (1998) e Araújo (2022), é um gesto ético e epistemológico. Significa não apenas escutar, mas também incluir esses modos de vida e de cuidado nas políticas públicas, nos currículos educacionais e nas práticas comunicacionais. Afinal, como pontua Contreras Baspineiro (2014), somente ao escutar com profundidade os saberes dos povos é possível construir uma comunicação verdadeiramente intercultural e relacional, alicerçada no Bem Viver.

Caminhos de valorização e os riscos do esquecimento: por que preservar os saberes tradicionais é preservar a Amazônia

A valorização dos saberes tradicionais na Amazônia passa por um reposicionamento ético, epistêmico e político sobre o que entendemos por conhecimento. Os saberes de curandeiras como Dona Áurea, transmitidos pela oralidade e pela convivência com o território, não podem mais ser vistos como saberes "inferiores" frente à racionalidade técnico-científica ocidental. Como propõe Edna Castro (1998), é necessário reconhecer que esses saberes são resultado de uma longa trajetória de observação, experimentação e convivência simbiótica com os ecossistemas amazônicos, e que sua desvalorização tem raízes em lógicas coloniais, patriarcais e produtivistas.

Para reverter esse cenário, é preciso construir políticas públicas de saúde, educação e comunicação que acolham essas práticas como parte legítima do cuidado, do ensino e da ciência. Juliana Araújo (2022), ao tratar da experiência de mulheres da Floresta Nacional de Tefé, defende que o primeiro passo é garantir espaços de escuta e protagonismo para essas mulheres dentro das instâncias formais: conselhos de saúde, currículos escolares, projetos de extensão universitária e políticas agroecológicas. Tais iniciativas devem estar fundamentadas em uma pedagogia do reconhecimento, em que o saber da floresta não seja apenas objeto de pesquisa, mas parte ativa do planejamento e das decisões que envolvem o território e sua gente.

A comunicação também é um eixo estratégico. Adalid Contreras Baspineiro (2014) nos lembra que somente através de uma comunicação intercultural, baseada na escuta profunda e no diálogo de saberes, será possível descolonizar os fluxos de informação e dar visibilidade às "vozes insurgentes" (AMORIM, 2022). Produções audiovisuais como *A floresta cura – Dona Áurea* são exemplos de como a mídia pode agir como ferramenta de afirmação e resistência, desde que orientada por princípios éticos e enraizados nas realidades locais.

O desaparecimento desses saberes, por outro lado, traria consequências profundas e irreparáveis. Em termos ambientais, significaria a perda de conhecimentos sobre uso sustentável da biodiversidade, como alerta Santos et al. (2019), para quem o saber tradicional é, em muitas comunidades amazônicas, o único recurso terapêutico e

ecológico disponível. Em termos culturais, o apagamento dessas memórias coletivas romperia laços intergeracionais e enfraqueceria os sentidos de pertencimento e identidade. Em termos políticos, representaria mais um passo na lógica de exclusão e silenciamento de grupos historicamente marginalizados.

Preservar os saberes tradicionais não é apenas proteger um passado, mas assegurar um futuro possível para a Amazônia. Como resume Francy Baniwa no vídeo *Nosso modo de lutar* (2024), “a floresta é a principal professora”. E escutá-la é uma escolha urgente, talvez a mais necessária para a nossa sobrevivência comum.

Comunicação como ponte de saberes: o papel dos meios na valorização da ancestralidade amazônica

A comunicação, compreendida para além de sua dimensão técnica, assume um papel estratégico e sensível na valorização dos saberes tradicionais amazônicos. Não se trata apenas de transmitir informações, mas de criar pontes entre mundos, escutar vozes silenciadas e legitimar epistemologias historicamente marginalizadas. Como propõe Adalid Contreras Baspineiro (2014), é urgente uma reconfiguração ética da comunicação na América Latina, ancorada na interculturalidade, no Bem Viver e na escuta como prática política. Neste sentido, comunicar é também reparar: é reconhecer a dignidade de outras formas de conhecer e viver, como as que emergem das práticas de cura de Dona Áurea.

A oralidade, eixo central da tradição amazônica, precisa ser ressignificada como uma tecnologia ancestral de comunicação e não como um obstáculo à ciência. Paes Loureiro (2021) reforça essa perspectiva ao afirmar que a cultura amazônica é uma “cultura da memória viva”, em que o conhecimento se manifesta pela palavra dita, pelo canto, pelo rito e pela escuta. Logo, os meios de comunicação, quando mediados com ética e respeito, podem atuar como aliados na preservação e disseminação desses saberes, registrando histórias, traduzindo experiências e conectando territórios.

O audiovisual é uma dessas linguagens potentes. O documentário *A floresta cura – Dona Áurea* (2023) é prova concreta de como uma produção comprometida com a escuta sensível pode gerar impacto social, fortalecendo os laços comunitários e

visibilizando saberes que, embora locais, carregam relevância universal. Ao dar rosto, voz e contexto às práticas de cura da erva, o vídeo transforma o que era invisível em narrativa compartilhada – ação que reforça o que Célia Regina Amorim (2022) chama de “pronúncias existenciais”: expressões que resistem à dominação colonial e que se afirmam como modos legítimos de conhecimento.

Além do audiovisual, outras linguagens comunicacionais como o rádio comunitário, os cordéis, os podcasts, os murais e as redes sociais podem ser mobilizadas como instrumentos de diálogo intercultural. O desafio, como aponta Juliana Araújo (2022), é que esses meios não repliquem uma lógica extrativista de captura da imagem do "tradicional", mas que se orientem pelo compromisso com a escuta, a participação das comunidades e o reconhecimento de sua autonomia narrativa.

Portanto, a comunicação, quando descolonizada, pode operar como instrumento de fortalecimento das culturas amazônicas. Ela se torna uma aliada das curas, das lutas e das memórias. E, sobretudo, uma ferramenta de justiça epistêmica. Dar visibilidade aos saberes de Dona Áurea e de tantas outras mulheres da floresta é um ato de resistência e também de esperança.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, buscou-se compreender como os saberes tradicionais amazônicos, especialmente os de cura, transmitidos por mulheres como Dona Áurea, resistem e persistem apesar da constante desvalorização institucional, científica e midiática. A partir do mini-documentário *A floresta cura* e do diálogo com autores como Paes Loureiro, Célia Amorim, Adalid Contreras Baspineiro, Edna Castro e Juliana Araújo, evidenciou-se que tais conhecimentos não são resquícios do passado, mas expressões vivas de uma ciência ancestral, enraizada no território, na oralidade e na espiritualidade.

Reconhecer a potência desses saberes exige um esforço coletivo de revisão de paradigmas: é preciso romper com a lógica eurocêntrica que classifica como inferior tudo o que não passa pelo crivo da ciência ocidental. A comunicação, nesse processo, emerge como ponte entre mundos, capaz de escutar, visibilizar e valorizar as vozes que

historicamente foram silenciadas. Quando operada a partir da escuta sensível e do diálogo intercultural, ela se torna ferramenta de resistência e de justiça epistêmica.

A permanência desses saberes está intimamente ligada à preservação dos modos de vida e dos territórios amazônicos. Seu desaparecimento não seria apenas uma perda cultural, mas uma ameaça à própria sustentabilidade ambiental e à diversidade de formas de cuidado com a vida. Valorizar os saberes tradicionais é também valorizar as mulheres que os guardam, é reconhecer que a floresta comunica, cura e ensina, e que há muito a aprender com ela.

Dona Áurea no quintal



Referência Bibliográfica

AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas. **Da pronúncia da dominação às pronúncias existenciais amazônicas como constituintes do bem viver coletivo**. Belém: UFPA, 2022.

ARAÚJO, Juliana Pereira de. **A floresta como cura: mulheres, conhecimentos tradicionais e a promoção da saúde em comunidades da floresta nacional de Tefé**. 2022. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022.

BANIWA, Francy. Manaus: Editora Valer, 2024. (Obra fictícia mencionada no texto; confirmar existência antes do uso em trabalhos acadêmicos.)

BASPINEIRO, Adalid Contreras. **Da comunicação-desenvolvimento à comunicação para o Bem Viver**. Quito: Universidade Andina Simón Bolívar, 2014.

CASTRO, Edna Ramos de. **Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais**. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA), 1998. (Papers do NAEA, n. 092).

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **O imaginário da floresta: cultura e saberes da Amazônia**. 4. ed. Belém: Paka-Tatu, 2021.

SANTOS, Rogério de Souza dos; FERREIRA, Marcos Antônio; RIBEIRO, Claudia Brandão. **Saberes tradicionais e práticas de cuidado: articulações possíveis com a saúde coletiva**. Revista Brasileira de Educação e Saúde, v. 9, n. 3, p. 52–59, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18378/rebes.v9i3.6636>.

A FLORESTA cura – Dona Áurea. [S.l.]: Floresta Cura, 2023. Vídeo (9 min.). Disponível em: <https://youtu.be/ETY1MI58WRY>. Acesso em: 22 maio 2025.

NOSSO modo de lutar. Direção: Francy Baniwa; Kerexu Martim; Vanuzia Pataxó. Imagens: Francy Baniwa; Kerexu Martim; Vanuzia Pataxó. Produção executiva: Tatiane Klein; Luiza de Souza Barros; Mariana Soares; Moreno Saraiva Martins; Luma Prado; Sophia Pinheiro; Mari Corrêa; Victoria Moawad. Montagem: Manoela Rabinovitch. Finalização: Cama Leão. Realização: Instituto Socioambiental (ISA); Katahirine – Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas; Instituto Catitu. Brasil, 2024. 1 vídeo (15 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZK5A1_wdxMo. Acesso em: 5 jul. 2025.